

Domingo XIII do Tempo Comum - Ano C – 29 junho 2025

Solenidade de S. Pedro e S. Paulo



Viver a Palavra

Celebramos hoje a Solenidade de S. Pedro e S. Paulo, dois homens tão diferentes no caminho de encontro com Cristo, na resposta que deram ao Seu chamamento, mas duas corajosas testemunhas do Evangelho de Jesus Cristo. Como recorda o prefácio desta solenidade: «vós nos concedeis a alegria de celebrar hoje a festa dos santos apóstolos Pedro e Paulo: Pedro, que foi o primeiro a confessar a fé em Cristo, e Paulo, que a ilustrou com a sua doutrina; Pedro, que estabeleceu a Igreja nascente entre os filhos de Israel, e Paulo, que anunciou o Evangelho a todos os povos; ambos trabalharam, cada um segundo a sua graça, para formar a única família de Cristo; agora, associados na mesma coroa de glória, recebem do povo fiel a mesma veneração». No evangelho proclamado nesta solenidade, Jesus faz dirigir uma pergunta a Pedro, mas, hoje, também a cada um de nós. Uma pergunta feita com a doçura de quem não impõe respostas, mas deseja encontros verdadeiros: «*E vós, quem dizeis que Eu sou?*». Uma pergunta desarmada, sem exigências, colocada no silêncio de um caminho, em Cesarea de Filipe, longe das multidões.

Pedro ousa quebrar o silêncio deixado pelos doze e afirma: «*Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo*». No gesto de um homem frágil, que arrisca acreditar, Jesus vê uma pedra firme: «*Tu és Pedro*». Deus constrói com pedras imperfeitas. Pedro é o da fé impulsiva e da queda vergonhosa, o da espada no horto e das lágrimas amargas. Mas é também o que volta sempre, o que ama três vezes depois de ter negado outras três. Com Pedro aprendemos que Deus não se escandaliza com as nossas fraquezas: Ele edifica sobre elas, transforma-as, faz delas fundação.

Paulo, por sua vez, é o homem derrubado pela luz. Não o procurava, mas foi encontrado. Perseguiu cristãos, mas foi ferido por Cristo. E, ferido, começou a ver. Descobriu que o verdadeiro Messias não é o da glória triunfante, mas o crucificado que ama até ao fim e, com esse amor, partiu para que a ninguém faltasse este amor que salva e oferece um novo sentido à história.

Pedro e Paulo não são heróis sem mácula, mas homens conquistados pela misericórdia de Deus. São testemunhas de que ninguém é demasiado frágil para ser escolhido, ninguém é tão culpado que não possa ser enviado.

Pedro representa a fé que reconhece e ama. Paulo, a paixão que anuncia e se gasta. E ambos apontam para uma Igreja que não é uma fortaleza de santos, mas um caminho de pecadores em construção. Uma Igreja firme na confissão de fé e ousada no anúncio da graça.

Jesus diz: «sobre esta pedra edificarei a minha Igreja». Mas que Igreja é esta? É a Igreja Sinodal e Missionária, que parte para levar o Evangelho de Jesus Cristo a todos. É a Igreja que aponta a radicalidade da proposta evangélica, anunciando um evangelho sem glosas nem descontos. Uma Igreja feita de pessoas que dizem «*Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo*» com a vida, mesmo quando não sabem dizê-lo com todas as palavras. Uma Igreja com lugar para o Pedro que nega e para o Paulo que muda de estrada. Uma Igreja de portas abertas, porque nasceu do amor que não exclui. Uma Igreja que não vive encerrada si mesma, mas se gasta por amor de cada homem e de cada mulher.

Hoje, nesta solenidade, Jesus pergunta de novo a cada um: «e tu, quem dizes que Eu sou?». Não responde por nós. Espera. Espera o silêncio, a coragem, o amor. E com cada resposta sincera, ainda que tremida, Ele faz novamente a Sua obra: edifica, envia, ama.

Pedro e Paulo não nos dizem que é fácil seguir Cristo, mas gritam com o seu testemunho que Jesus não vale a pena, mas vale a vida e, por isso, foram até ao fim dando a vida pelo evangelho. *in Voz Portucalense*

+++++

O diretório litúrgico prevê que os ofertórios da missa desta solenidade se destinam à Santa Sé ou à Cadeira de S. Pedro. Esta coleta, além do sentido monetário, tem também um caráter eclesial de comunhão e unidade com a Igreja de Roma, cujo bispo preside na caridade, à comunhão da Igreja Universal. Esta solenidade é a primeira que celebramos, tendo como Sucessor de Pedro, o Papa Leão XVI. Esta solenidade e o contexto

desta celebração poderão ser a oportunidade para organizar um momento de oração pelo Papa ou para um momento de reflexão sobre a catolicidade e universalidade da Igreja e o papel e missão do Romano Pontífice *in Voz Portucalense*

+++++

Já no Tempo Comum, continuamos o Ano Litúrgico – Ano C - onde seremos acompanhados pelo evangelista Lucas. Tendo em vista a formação bíblica dos fiéis e a importância do conhecimento da Sagrada Escritura como Palavra que ilumina a vida dos batizados, o contexto do início do Ano Litúrgico pode ser uma oportunidade para um encontro ou até vários encontros, sobre o Evangelista deste ano litúrgico.

Como se diz acima, durante **todo este ano litúrgico – 2024/2025 -**, **acompanhamos o evangelista Lucas** em grande parte das proclamações do Evangelho. Deste modo, como preparação complementar, poderá ser oportuna uma proposta de formação para todos os fiéis acerca do Evangelho de S. Lucas.

E faremos isso....

Em anexo à Liturgia da Palavra e, também, num separador próprio, da página da paróquia de Vilar de Andorinho, ficará disponível um texto sobre o evangelista Lucas. Poderão melhorar os conhecimentos bíblicos – Novo Testamento e Antigo Testamento – em <https://paroquiavilarandorinho.pt/fbiblica/>. Proporciona-se a todos os fiéis, um maior conhecimento deste precioso tesouro que é a Sagrada Escritura.

LEITURA I – Atos 12,1-11

Naqueles dias,

o rei Herodes começou a perseguir alguns membros da Igreja.

Mandou matar à espada Tiago, irmão de João,

e, vendo que tal procedimento agradava aos Judeus,

mandou prender também Pedro.

Era nos dias dos Ázimos.

Mandou-o prender e meter na cadeia,

entregando-o à guarda

de quatro piquetes de quatro soldados cada um,

com a intenção de o fazer comparecer perante o povo,

depois das festas da Páscoa.

Enquanto Pedro era guardado na prisão,

a Igreja orava instantemente a Deus por ele.

Na noite anterior ao dia em que Herodes

pensava fazê-lo comparecer,

Pedro dormia entre dois soldados,

preso a duas correntes,

enquanto as sentinelas, à porta, guardavam a prisão.

De repente, apareceu o Anjo do Senhor,

e uma luz iluminou a cela da cadeia.

O Anjo acordou Pedro, tocando-lhe no ombro, e disse-lhe:

«Levanta-te depressa».

E as correntes caíram-lhe das mãos.

Então, o Anjo disse-lhe:

«Põe o cinto e calça as sandálias».

Ele assim fez.

Depois, acrescentou:

«Envolve-te no teu manto e segue-me».

Pedro saiu e foi-o seguindo,

sem perceber a realidade do que estava a acontecer

por meio do Anjo;

julgava que era uma visão.

Depois de atravessarem o primeiro e o segundo posto da guarda,

chegaram à porta de ferro, que dá para a cidade,

e a porta abriu-se por si mesma diante deles.

Saíram, avançando por uma rua,

e subitamente o Anjo desapareceu.

Então, Pedro, voltando a si, exclamou:

«Agora sei realmente que o Senhor enviou o Seu Anjo

e me libertou das mãos de Herodes

e de toda a expectativa do povo judeu».

CONTEXTO

No livro dos Atos dos Apóstolos Lucas propõe-se narrar-nos a maravilhosa aventura missionária que levou o Evangelho desde Jerusalém até Roma, o coração do império. Nesta fase são os discípulos que, guiados pelo Espírito Santo, são as testemunhas de Jesus e do seu projeto.

O texto que a liturgia nos propõe como primeira leitura na Solenidade de São Pedro e São Paulo, praticamente encerra a primeira parte do Livro dos Atos dos Apóstolos – a história da expansão do cristianismo dentro das fronteiras palestinas (cf. At 1-12). O Evangelho de Jesus, levado pelos missionários cristãos já tinha chegado à Samaria e a toda a faixa costeira palestina, incluindo Ashdod, Cesareia Marítima (cf. At 8,4-40), Lida e Jope (cf. At 9,31-35).

Por esta altura (por volta do ano 42) Herodes Agripa I, neto de Herodes, o Grande, refizera praticamente o reino do seu avô. No ano 37, o imperador Calígula deu-lhe o título de rei e confiou-lhe os antigos territórios da tetrarquia de Herodes Filipe (a Itureia, a Traconítide, a Bataneia, a Gaulanítide e a Auranítide); mais tarde, no ano 40, o mesmo Calígula acrescentou ao reino de Herodes Agripa os territórios da antiga tetrarquia de Herodes Antipas (a Galileia e a Pereia); finalmente, no ano 41, o imperador Cláudio (que sucedeu a Calígula) colocou sob a autoridade de Herodes Agripa a Samaria e a Judeia. Herodes Agripa reinou sobre este vasto território até ao ano 44, altura em que morreu repentinamente em Cesareia, durante uma cerimónia pública (cf. At 12,20-23).

Herodes Agripa I procurou sempre estar em boas relações com os líderes judaicos. Observava as prescrições da Lei de Moisés, cumpria os rituais de purificação dos judeus e diariamente oferecia os sacrifícios prescritos no templo de Jerusalém. Fazia-o, no entanto, mais por cálculo político do que por convicção pessoal, pois quando estava fora do território judaico vivia à maneira helénica. Foi certamente para agradar aos líderes judaicos que Herodes Antipas mandou matar à espada o apóstolo Tiago, filho de Zebedeu, irmão de João. Este Tiago era uma figura proeminente da comunidade cristã de Jerusalém. Jesus tinha-lhe predito, certa vez, que ele iria beber o mesmo cálice que Jesus ia beber – quer dizer, iria partilhar do destino do próprio Jesus (cf. Mc 10,38-39). *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- A proposta de salvação que Deus fez aos homens através de Jesus continua válida? Como é que ela chega ao mundo em cada época e em cada passo da turbulenta história dos homens? O livro dos Atos dos Apóstolos tem uma resposta clara para estas questões: sim, Deus continua a oferecer aos homens e mulheres de cada época a sua salvação; e são os discípulos que Jesus deixou no mundo que têm a missão de tornar realidade, em cada tempo, em cada “hoje”, a proposta libertadora de Deus. A Igreja nascida de Jesus não é uma comunidade de homens e mulheres que vivem apenas de olhos postos no céu, a murmurar orações e a contemplar a majestade de Deus; nem é uma comunidade de teólogos que gasta o tempo a discutir doutrinas elevadas e transcendentais... Mas é uma comunidade de discípulos de Jesus que, com gestos concretos de amor, de misericórdia, de partilha, de serviço, de perdão, leva ao mundo – inclusive às periferias, aos sítios onde ninguém vai, aos lugares do choro e do desespero – a Boa notícia da salvação de Deus. Pedro e Paulo, os apóstolos que a liturgia de hoje nos convida a celebrar, fizeram-no. Seremos capazes de o fazer também nós, neste tempo histórico tão exigente e tão desafiante que nos tocou viver?
- A história que o autor dos Atos dos Apóstolos nos conta sobre a prisão do apóstolo Pedro, lembramos uma realidade incontornável: o testemunho do projeto de Jesus gera sempre incompreensão e oposição. O Evangelho de Jesus incomoda, ainda hoje. Incomoda especialmente aqueles que estão apostados em perpetuar mecanismos de exploração, de injustiça, de morte; mas também incomoda aqueles que estão comodamente instalados na escravidão e não têm a coragem de questionar as cadeias que os prendem. A reação de quem se sente incomodado com o anúncio da Boa nova de Jesus traduz-se muitas vezes na oposição, nas calúnias, nos sarcasmos, nas piadas estúpidas que tanto custam a aceitar. É necessário, contudo, que a incompreensão e a perseguição não nos desanimem e não nos impeçam de dar testemunho dos valores em que acreditamos. Não temos diante de nós o exemplo de Jesus, morto na cruz por ser fiel ao projeto do Pai? E não temos também o exemplo de Pedro e de Paulo, mortos em Roma, por causa do Evangelho de Jesus durante a perseguição ordenada pelo imperador Nero? Estamos dispostos a dar testemunho dos valores do Reino, com sinceridade e verticalidade, independentemente da forma como o nosso testemunho é acolhido?
- A forma como o autor dos Atos dos Apóstolos descreve a libertação de Pedro da prisão onde Herodes Agripa o tinha mandado encerrar, pretende sugerir que Deus sempre fará tudo para salvar os seus enviados das mãos daqueles que os perseguem e ameaçam. É uma mensagem consoladora, que fortalece o ânimo daqueles que aceitam o risco de dar testemunho da salvação de Deus no meio dos seus irmãos. Os enviados de Deus não são imunes ao sofrimento, à adversidade, à contestação, à maledicência, ao escárnio, à perseguição; mas são, como os outros homens e mulheres, pessoas frágeis, que no decurso da sua missão experimentam a cada passo a solidão, o

abandono, o desânimo, a desilusão, a angústia. A história do apóstolo Pedro diz-lhes, contudo, que podem confiar no amor e na solicitude de Deus, pois Deus nunca decepciona aqueles que n'Ele põem a sua confiança. Temos feito esta experiência? Quando caminhamos “sem rede”, ameaçados por todo o tipo de perigos, conscientes da nossa fragilidade, sentimo-nos tranquilos nas mãos de Deus? Acreditamos mesmo que Deus nunca nos abandona, aconteça o que acontecer?

- É muito sugestiva, na história que o autor dos Atos dos Apóstolos hoje nos conta, a indicação de que a comunidade cristã “orava insistentemente a Deus” por Pedro, prisioneiro por causa do Evangelho. Mostra uma comunidade solidária, fraterna, unida, atenta, que se coloca ao lado dos irmãos que sofrem e que são injustiçados por causa do seu testemunho, da sua coerência, do seu compromisso com a verdade. As nossas comunidades cristãs são comunidades onde cada um sente as dores e os sofrimentos dos seus irmãos? Sentimos que é nossa responsabilidade fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para “consolar” e para “libertar” os irmãos que são vítimas da injustiça, da maldade, da prepotência? Lembramo-nos de pedir a Deus que cuide dos nossos irmãos que, por qualquer razão, estão prisioneiros do sofrimento? *in Dehonianos.*

SALMO RESPONSORIAL – Salmo 33 (34)

Refrão: O Senhor libertou-me de toda a ansiedade.

**A toda a hora bendirei o Senhor,
o Seu louvor estará sempre na minha boca.
A minha alma gloria-se no Senhor;
escutem e alegrem-se os humildes.
Enaltecei comigo ao Senhor,
e exaltemos juntos o Seu nome.
Procurei o Senhor e Ele atendeu-me,
libertou-me de toda a ansiedade.
Voltai-vos para Ele e ficareis radiantes:
o vosso rosto não se cobrirá de vergonha.
Este pobre clamou e o Senhor o ouviu,
salvou-o de todas as angústias.
O anjo do Senhor protege os que O temem
e defende-os dos perigos.
Saboreai e vede como o Senhor é bom:
feliz o homem que n'Ele se refugia.**

LEITURA II – 2 Timóteo 4,6-8.17-18

Caríssimo:

**Eu já estou oferecido em libação
e o tempo da minha partida está iminente.
Combati o bom combate,
terminei a minha carreira,
guardei a fé.
E agora já me está preparada a coroa da justiça,
que o Senhor, justo Juiz, me há de dar naquele dia;
e não só a mim, mas a todos aqueles
que tiverem esperado com amor a Sua vinda.
O Senhor esteve a meu lado e deu-me força,
para que, por meu intermédio,
a mensagem do Evangelho fosse plenamente proclamada
e todos os pagãos a ouvissem;
e eu fui libertado da boca do leão.
O Senhor me livrará de todo o mal
e me dará a salvação no Seu Reino celeste.
Glória a Ele pelos séculos dos séculos. **Ámen.****

CONTEXTO

O Timóteo cujo nome aparece no endereço desta carta (cf. 2Tm 1,2) é um cristão nascido em Listra (Ásia Menor), de pai grego e de mãe judeo-cristã (cf. At 16,1-3). Paulo encontrou-o no decurso da sua segunda viagem missionária (cf. At 16,2) e associou-o à aventura do anúncio do Evangelho. Timóteo tornou-se, a partir de então, companheiro inseparável de Paulo. Aparece ao lado de Paulo em Atenas (cf. At 17,14-15), em Corinto (cf. At

18,5), em Éfeso (cf. At 19,22), colaborando no esforço missionário. Paulo confiava plenamente nele e encarregou-o de algumas missões delicadas junto das igrejas (cf. 1 Cor 4,17; 16,10-11; Fil 2,19-24; 1 Ts 3,2-3). Segundo a tradição, foi o primeiro bispo da comunidade cristã de Éfeso.

É problemático que Paulo seja o autor das duas cartas “a Timóteo”: a linguagem, o estilo e mesmo a doutrina apresentam diferenças consideráveis em relação a outras cartas paulinas. Além disso, o contexto eclesial em que estas cartas nos situam – a estrutura das comunidades cristãs, os problemas que as comunidades têm de enfrentar – parece mais do final do séc. I, ou até mesmo de princípios do séc. II, do que da época de Paulo. Enquanto na época de Paulo a preocupação essencial era anunciar o Evangelho, na época em que estas cartas foram escritas a grande preocupação parece ser “conservar a fé”, uma vez que o tesouro da fé cristã estava ameaçado pela acomodação dos crentes e pelas falsas doutrinas que alguns “mestres” difundiam nas comunidades cristãs. É possível que um discípulo de Paulo, inspirando-se na teologia paulina, tenha composto estas cartas para responder às novas problemáticas que, no final do séc. I, a Igreja tinha de enfrentar.

Mais concretamente, a segunda Carta a Timóteo apresenta diversos conselhos pastorais que Paulo destina ao seu grande colaborador (Timóteo) na obra da evangelização. O autor da carta estaria, pretensamente, na prisão. Numa espécie de “testamento final”, recorda a Timóteo o ministério que recebeu (2 Tm 2,1-7), convida-o a manter-se fiel à graça recebida (cf. 2 Tm 1,6-18), alerta-o para os perigos dos novos tempos (cf. 2 Tm 3,1-17) e deixa-lhe as suas últimas recomendações (cf. 2 Tm 4,9-18). *in Dehonianos*.

INTERPELAÇÕES

- Paulo de Tarso marcou de forma decisiva a história do cristianismo pela sua visão larga do projeto de Deus e pela forma como abriu ao Evangelho as portas do mundo greco-romano. Mas, para além disso, deixou aos cristãos de todas as épocas um impressionante testemunho pessoal de compromisso total com Jesus e com o Evangelho. O seu encontro com Jesus no caminho de Damasco marcou a sua vida de uma forma tão decisiva que ele dizia: “já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20). Passou a viver para Cristo, apenas para Cristo. A sua paixão por Cristo levou-o a dar testemunho do Evangelho em todo o mundo antigo, sem vacilar perante as dificuldades, os perigos, o cansaço, a contestação, a tortura, a prisão e até mesmo a morte. Nós, cristãos, encontramos-nos frequentemente com Jesus no caminho da nossa vida: escutamos a sua Palavra, conversamos com Ele, sentamo-nos com Ele à mesa e comemos do Pão que Ele oferece, dizemos que somos seus discípulos e que estamos em comunhão com Ele... O nosso compromisso com Cristo é tão profundo e tão decisivo como o de Paulo? Cristo é para nós – como foi para Paulo – a referência decisiva à volta da qual se constrói a nossa existência?
- Paulo experimentou, no seu caminho de testemunho missionário, o abandono, a solidão, a traição, a incompreensão de muita gente, inclusive de alguns irmãos na fé. Por outro lado, sentiu sempre que o Senhor estava com ele, o animava e lhe dava forças para que “a mensagem do Evangelho fosse plenamente proclamada e todos os pagãos a ouvissem”. A experiência de Paulo é, afinal, a experiência de todos os “profetas” que Deus envia ao mundo para serem arautos da sua salvação no meio dos homens: de um lado está o ódio do mundo, que desgasta e traz desânimo; do outro está a solicitude de Deus que conforta, sustenta, defende, anima e renova as forças dos seus enviados. É esta também a nossa experiência? A certeza da presença de Deus ao nosso lado dá-nos a força necessária para cumprirmos fielmente a missão que nos foi confiada?
- Quase a chegar ao fim da sua vida, Paulo avalia desta forma a maneira como viveu: “combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé”. Pelo que sabemos da vida de Paulo, esta avaliação é honesta e verdadeira. É muito bom chegar ao fim da vida e concluir que a vida valeu a pena e que se deixou uma marca positiva no mundo e na vida dos outros homens e mulheres. Se tivéssemos, neste preciso instante, de avaliar o sentido da nossa vida, o que diríamos? A nossa vida tem feito sentido? Há alguma coisa que possamos mudar ou acrescentar para sentirmos que a nossa vida está a valer a pena? *in Dehonianos*

EVANGELHO – Mateus 16,13-19

Naquele tempo,

Jesus foi para os lados de Cesareia de Filipe

e perguntou aos seus discípulos:

«Quem dizem os homens que é o Filho do Homem?»

Eles responderam:

«Uns dizem que é João Baptista,

outros que é Elias,

outros que é Jeremias ou algum dos profetas».

Jesus perguntou:

«E vós, quem dizeis que Eu sou?»

Então, Simão Pedro tomou a palavra e disse:

«Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo!».

Jesus respondeu-lhe:

**«Feliz de ti, Simão, filho de Jonas,
porque não foram a carne e o sangue que to revelaram,
mas sim meu Pai que está nos Céus.**

**Também Eu te te digo: Tu és Pedro;
sobre esta pedra edificarei a minha Igreja
e as forças do inferno não prevalecerão contra ela.**

Dar-te-ei as chaves do Reino dos Céus:

**tudo o que ligares na terra será ligado nos Céus,
e tudo o que desligares na terra será desligado nos Céus».**

CONTEXTO

O episódio que o texto evangélico da Solenidade de São Pedro e São Paulo nos propõe ocupa um lugar central no Evangelho de Mateus. Marca um momento de viragem no caminho de Jesus. A partir daqui começa a perfilar-se no horizonte de Jesus um destino de cruz.

Nos primeiros tempos do seu ministério, Jesus conhece um sucesso fulgurante. A sua fama espalha-se e reúnem-se à volta d'Ele "grandes multidões vindas da Galileia, da Decápole, da Judeia e de além Jordão" (Mt 4,25). Mas, passado o entusiasmo inicial, Jesus começa a encontrar sinais crescentes de resistência à proposta que traz: os fariseus e os doutores da Lei contestam-no abertamente (cf. Mt 9,3-6; 9,34; 12,1-8; 12,9-14; 12,24-32; 15,1-9; 16,1-12); e em muitas povoações da Galileia há gente que não acredita n'Ele e que recusa a sua mensagem (cf. Mt 8,34; 11,16-19; 11,20-24; 13,53-58). O anúncio que Jesus propõe sobre o Reino de Deus só encontra um acolhimento incondicional por parte daquele pequeno grupo de discípulos que o seguem passo a passo.

Jesus tem consciência de que está a aproximar-se a passos largos a altura de se dirigir a Jerusalém para enfrentar as autoridades judaicas. Ele sabe que, em Jerusalém, vai ser condenado e vai ser morto na cruz. Mas o sonho do Reino não pode morrer nessa cruz que vai ser erguida fora das muralhas da cidade santa: os discípulos ficarão no mundo e terão a missão de levar a todos os homens a Boa notícia do Reino. Antes, é necessário prepará-los: eles devem entender e acolher os valores do Reino, devem comprometer-se totalmente no seguimento de Jesus, devem manifestar a sua disponibilidade para integrar a comunidade do Reino. A conversa que Jesus um dia teve com os discípulos, nas proximidades de Cesareia de Filipe, aponta nesse sentido.

Cesareia de Filipe, o cenário geográfico onde a narração de Mateus nos coloca, era uma cidade situada no Norte da Galileia, no sopé do Monte Hermon, junto de uma das nascentes do rio Jordão, na zona da atual Bâneas. Durante o período helenístico, a cidade tinha tomado o nome de Panion, em virtude de haver lá um santuário dedicado ao deus grego Pan; mas, no ano 2 ou 3 a.C., Herodes Filipe (filho de Herodes o Grande) reconstruiu-a e deu-lhe o nome de Cesareia, em honra de César Augusto, imperador de Roma. Era, portanto, uma cidade marcada pelo paganismo e pelo culto ao imperador. *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- Quem é Jesus? Como é que os homens do séc. XXI o veem? Muitos dos nossos contemporâneos – crentes, agnósticos ou mesmo ateus – veem em Jesus um homem bom, generoso, atento aos sofrimentos dos outros, que sonhou com um mundo diferente; outros veem em Jesus um admirável "mestre" de moral, que tinha uma proposta de vida "interessante", mas que não conseguiu impor os seus valores; alguns veem em Jesus um admirável condutor de massas, que acendeu a esperança nos corações das multidões carentes e órfãs, mas que passou de moda quando as multidões deixaram de se interessar pelo fenómeno; outros, ainda, veem em Jesus um revolucionário, ingénuo e inconsequente, preocupado em construir uma sociedade mais justa e mais livre, que procurou promover os pobres e os marginais e que foi eliminado pelos poderosos, preocupados em manter o "status quo". Que achamos destas "visões" sobre Jesus? Consideramo-las redutoras, ou exatas? Jesus terá sido apenas um "homem" que deixou a sua pegada na história humana, como tantos outros que a história absorveu e digeriu?
- "E vós, quem dizeis que Eu sou?" – perguntou Jesus diretamente aos seus discípulos nos arredores de Cesareia de Filipe. É uma pergunta decisiva, que deve ecoar, de forma constante, nos ouvidos e no coração dos discípulos de Jesus de todas as épocas. A nossa resposta a esta questão não pode ficar-se pela repetição papagueada de velhas fórmulas que aprendemos na catequese, ou pela reprodução impessoal de uma definição tirada de um qualquer tratado de teologia. A questão vai dirigida ao âmago do nosso ser e exige uma tomada de posição pessoal, um pronunciamento sincero, sobre a forma como Jesus toca a nossa vida. A resposta a esta questão é o passo mais

importante e decisivo na vida de cada crente. Quem é Jesus para nós? Que lugar ocupa Ele na nossa existência? Que valor damos às suas propostas? Que importância assumem os seus valores nas nossas opções de vida? Jesus é, para nós, a grande referência, o vetor à volta do qual o nosso mundo se constrói? Ele é para nós, de facto, “caminho, verdade e vida”?

- Pedro, em nome da comunidade dos discípulos, proclama a fé de todos em Jesus, Messias e salvador, o Filho que Deus enviou ao mundo para apresentar aos homens uma proposta de vida eterna e verdadeira. A Igreja assenta nesta fé e constrói-se a partir desta fé. A Igreja de Jesus é uma comunidade de discípulos reunida à volta de Jesus (“o Messias, o Filho de Deus vivo”), que vive da escuta de Jesus, que se alimenta de Jesus, que caminha incondicionalmente atrás de Jesus e que dá testemunho no mundo da proposta que Jesus deixou. Jesus é a grande referência das nossas vidas e ocupa o centro da nossa comunidade cristã? É n’Ele que assenta a nossa fé? Estamos completamente disponíveis para o escutar, para acolher as suas indicações, para o seguir no caminho que Ele nos aponta?
- Não esqueçamos, no entanto, que a Igreja de Jesus não existe para ficar a olhar para o céu, numa contemplação estéril e inconsequente do “Messias, Filho de Deus vivo”; mas existe para dar testemunho de Jesus, para continuar a obra de Jesus e para oferecer a cada homem e a cada mulher a proposta de salvação que Jesus veio trazer. Paulo, o grande missionário, estava plenamente consciente disto. Por isso, desde o momento em que se encontrou com Jesus, tornou-se arauto do Evangelho. Temos consciência desta dimensão “profética” e missionária da Igreja? Os homens e as mulheres com quem contactamos no dia a dia – no nosso espaço familiar, no emprego, na escola, na rua, no prédio, nos acontecimentos sociais – são contagiados pelo nosso entusiasmo por Jesus e recebem de nós o convite para integrar a comunidade da salvação?
- A comunidade dos discípulos é uma comunidade organizada e estruturada, onde existem pessoas a quem foi confiada a missão de presidir, de coordenar e de desempenhar o serviço da autoridade. Essa autoridade que lhes é confiada não é, no entanto, absoluta e inquestionável; é uma autoridade que deve ser exercida em benefício da comunidade, como amor e serviço. O modelo dessa autoridade é o bom pastor, que orienta o rebanho, que cuida das suas ovelhas, que as defende dos perigos e que dá a vida por elas. Como vemos e entendemos, na Igreja de Jesus, o serviço da autoridade? *in Dehonianos*.

Para os leitores:

A **primeira leitura** é um **relato dramático e milagroso**, narrando a prisão e libertação de Pedro. O leitor deve manter um **tom narrativo envolvente**, com **clareza e pausas expressivas**, respeitando a tensão da história e o sentido de libertação. Comece com tom firme, mas não teatral, adotando um ritmo pausado ao descrever a prisão e a vigiância. Deve dar destaque à ação do anjo, aumentando ligeiramente a intensidade no discurso direto e nas ações descritas.

A **segunda leitura** é uma confissão pessoal e final de São Paulo, com um tom solene, confiante e sereno. Há aqui uma dimensão de testamento espiritual e vitória na fé. Deve ler-se com tom sereno e contemplativo, transmitindo confiança e esperança, tendo atenção às pausas e respirações.

I Leitura: (ver anexo)

II Leitura: (ver anexo)